A palo seco

Mais que o bandolim na venda velha,
O som da espera corre os ares,
Canta uma ciranda o velho Guerra,
Sem saber a briga de palmares.

Chora uma cantiga mui antiga
Que choravam negros açoitados,
Para esquecer a obriga vida e
Relembrar os cantos de seus lares...

A palo seco a fala do velho poeta
Inventava versos num chorinho mole
Que fazia chorar os velhos foles.

É que a vida, ruim, já melhorara
Daquelas vidas na peia das araras
Dos paus de alecrim duma surrada.

Securas

A paixão
É uma flor vencida
Pela inclemência de um sol
De verão.

Com a mudança da estação
A paixão esfria
Como as manhãs invernais
E suas névoas

E vai secando... Secando...
Vencida enfim
Pelas outras
Ervas.

Extinção dos curiós

Nesses tempos desatentos
Os pássaros mortos
Cantam na ravina...

Eu ouvi o canto e
Segui procurando
O cantor da hora.

Não encontrei o pássaro,
Só as suas penas e o canto dele,
Indo embora...

Remoinhos

O remoinho brincava
Com os jornais velhos girando,
E as saias das meninas
E a poeira
E tudo que fosse leve para voar
O remoinho brincava.

Agora o remoinho fala sério,
Leva carros e placas e casas
E as saias que as meninas
Não precisam mais.

O remoinho amadureceu
Ficou colérico, enfeitiçado
Pelos compromissos adultos
E gira as infâncias denotadas
E as meninas de luto.

Corrimentos

O tempo escorre pelos vãos do tento
Com muito esforço ora conseguido,
E deixa em rugas, dores, cicatrizes,
Neste senhor que não se dá por ido.

Mesmo que fale assim tão antigo
É a resposta ao que o mesmo diga,
Todas as vezes que cruza consigo
E se olha vesgo procurando abrigo.

Por essas dores expondo motivos
O tempo escorre pelo que não dizes,
No sofrimento que não foi sentido.

Entre o agora e o menino antigo
Se confrontam o velho e o vivido
Mesmo que nada se tenha dito.

Urgências

É sempre estranha
A lembrança do dia ontem,
Não por se ter ido.
Por não mais fazer parte
Do que vivo.

Não há de voltar, nem por castigo,
A peripécia de salvar no dia ido,
A pedra atirada no pássaro
Ou no mendigo...

É sempre estranho
Falar do amanhã, se nem te ligo...
Tudo que fiz ou farei
Diz a necessária fome mínima
Dos supérfluos.

O não vivido mora
Em cada vez que o digo, o amanhã,
Este advinho que não está comigo
Quando fadigo.

Elucubrações

A paz em que eu não me sabia,
Chega como penetra na festa alheia.
Chama-me,
Como íntima porção da minha cama,

Namorada, amante na intenção do ato,
Chega conturbativa à face rúbida
E me atritam os dentes...

Não me vejo nela, não a encontro em mim,
Velhos parceiros?
Caminhamos pelo tempo e o tempo
Fez-se de festins.

Dançamos uma noite inteira, premi,
Entre suores a primeira dor, e,
Digladiamos-nos tanto...

Hoje em calmo desenredo puxo
Da memória as tantas desavenças,
Felizes de as ter passado nos arranhos.

A paz que eu não sabia companheira
Chega-me, de surpresa, de penetra faz-se
Íntima na minha alma,
Já completa.

Homocêntrico

Sei
Que posso criar minha paz,
Mas a paz em volta mais e mais
Dissolver-se-á
Por incapaz.

Como a pedra, atirada n'água,
Cria círculos, círculos, outros mais...
E se dissolve,
Por incapaz.

Homenagem

Aquela estátua,
Com o braço dobrado, o punho cerrado
Sob o queixo,
O olhar vazio, olhando o vazio dos pés.

Aquela estátua,
Com sua postura perfeita, de um artista
Genial, tem uma lágrima,
Deixada pensa na face angelical.

Aquela estátua...
Eis que se movimenta, saída de seu sal,
É a fêmea de uma raça
Posta em sacrifício genital.

Procissão

O rapaz olha fixamente
Sua vela acesa, emoldurada
Um quadril perfeito
Vestido em verde, calibrado.

A moça dos quadris vestidos
Sabe-se admirada e requebra,
Pensando, ousada,
Na sua reza esverdeada...

Lá na frente o padre puxa a ladainha...
Quem sabe, um dia, casará
Esses meninos rezadores e
Suas sainhas...